

*Escrito por Francis  
Papini*

## DA ITÁLIA

Roma, outubro — "L'Europeu" dá notícias de Papini, hoje nos seus 70 anos, pouco conhecido das novas gerações, fechado em sua casa na via Guerrazzi, em Florença, escrevendo, há dez anos, uma obra, "O Juízo Universal", com mais de 600 personagens. Escreve toda manhã, a cara junto do papel, para poder ver. Mas os médicos o proibiram de ler, e ele tem de escutar a leitura de um jovem secretário. Poucos italianos têm sido tão traduzidos no estrangeiro: sua "História de Cristo" tirou mais de 200 mil exemplares.

Mas em um jornal de Roma encontro um artigo de Papini: ele continua vivo e vibrante. Escreve sobre a arte de hoje:

"A arte, não mais conseguindo ser super-humana, tornou-se inuma, desumana. Alheou-se do homem verdadeiro e inteiro, dos instintos, dos ideais, dos desejos, dos amores dessa criatura feita de sangue e de espírito que é o homem. Entrai em uma exposição e vos achareis diante de fantoches encantados, manequins envernizados, ou coisas e formas mortas; entrai em um edifício chamado racional e vos sentireis prisioneiro de gélidas superfícies geométricas, nuas, inhóspitas e hostis, sem esperança de intimidade e de recolhimento; escutai um concerto de música do último estilo e no lugar de vos sentirdes consolados e comovidos sois agredidos por uma chuvarada de acordes discordes, ou estrépitos ácidos de um inconclusivo jôgo sonoro; lêde uma poesia, e não vos sentireis inundados de um calor novo, mas presos em uma rede de sensações descontinuas, de alusões mal interpretáveis, de ciladas verbais que, no máximo, podem vos oferecer uma leve satisfação musical. Em tudo se sente o frio, a solidão, a indiferença, a distância".

Depois de falar com mais detalhe na pintura, na literatura, da música e da arquitetura de nossos dias, diz que a solução não está em fazer romances ao gosto do século passado, nem poesias alegóricas ou românticas, nem pintar à maneira acadêmica ou edificar falsas igrejas românicas ou vilas da Renascença. Nega-se a ter de escolher entre essas velharias repetidas e o labirinto da arte moderna, gelada e mecânica. Quer verdade e beleza. O povo, desiludido do que lhe oferece a arte nova, entrega-se ao mau gosto emocionante, "ao romance de aventura, às estúpidas obras-primas do cinema americano".

A culpa é dos artistas, que não oferecem mais ao povo "nem pão de trigo nem vinho generoso".

24/25/10/51 R. B.